

A LENDA DE MULAN: A JORNADA DA MULHER E DO FEMININO

Trabalho para obtenção do título de Especialista em Abordagem Junguiana:
Leitura da Realidade e Metodologia de Trabalho

(2008)

Lilian Garcia de Paula
Cogeae – PUCSP (Brasil)

Contactos:
lidepaula@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo traz o processo de transformação da consciência coletiva no sentido de incorporação do feminino em nossa sociedade e de novos potenciais na identidade da mulher. Para tal, foi realizada uma análise qualitativa embasada nos pressupostos da psicologia analítica de Jung, a partir da qual pudemos perceber a relação entre a jornada do feminino e da mulher e os mitos e contos de fadas, apresentados em forma de filmes na atualidade. Foi utilizado como recurso metodológico o filme Mulan da Disney. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica que aborda a questão do feminino e da mulher desde o início dos tempos até a atualidade. A análise simbólica do filme Mulan nos mostrou o quanto os filmes abarcam, na atualidade, questões arquetípicas como antigamente era colocado à sociedade através de contos de fadas e da mitologia. Mulan traz em sua história o processo de desenvolvimento da sociedade perante a necessidade de reincorporação do feminino através da jornada da heroína em que se consegue uma ampliação na consciência individual e cultural. Assim, pudemos perceber que a reintegração do feminino na sociedade e na psique de cada um é essencial para que se consiga estabelecer uma relação de alteridade entre as pessoas, já que o contato com o feminino externo também permite o contato com o feminino interno, a alma.

Palavras-chave: Conto, filme, símbolo, feminino, mulher, ampliação da consciência

INTRODUÇÃO

A psicologia se interessa por tudo que diz respeito ao ser humano. É uma ciência que visa conhecer profundamente o que significa existir, se relacionar, se desenvolver.

As dores, as alegrias, os amores, as confusões inerentes do existir são comuns a todos. Desde os primórdios a humanidade busca maneiras de explicar o que acontece interna e externamente. As narrativas, os mitos, os contos de fadas e, mais atualmente, os desenhos animados e os filmes, que de maneira simbólica expressam a condição humana, vêm responder a essa necessidade. Essas histórias expressam maneiras de lidar com as vicissitudes da vida comuns a todas as pessoas, mostram saídas aos problemas e a maneira característica de uma dada cultura lidar com questões existentes desde o início dos tempos.

Segundo Von Franz (1985) a origem dos contos de fadas é bastante contraditória. Alguns acreditam que são remanescentes de mitos, religiões e literatura. Também se acredita que podem ser sonhos contados posteriormente como histórias, porém o que realmente permanece em seu cerne e é passado de geração em geração são questões arquetípicas, ou seja, os conteúdos produzidos pelo inconsciente coletivo. Para a teoria junguiana, na qual se embasa esse trabalho, esses padrões típicos da humanidade são chamados arquétipos.

Assim os contos e os mitos são sempre atuais e tocam a todos no seu íntimo, é como se eles falassem a cada um e, ao mesmo tempo, a todo mundo sem perder a capacidade de acolher a necessidade de cada pessoa e abarcando toda humanidade. Jung [1935] (1991) relatou que os mitos e contos de fadas trazem essa sensação de pertencimento a uma condição coletiva que permite ao neurótico entender que o conflito que vive não é um fracasso pessoal, mas um sofrimento comum a todos que caracteriza uma época. Essa generalização o retira do isolamento e o liga à humanidade.

“No Oriente, grande parte da terapia prática se constrói sobre o princípio de elevar o caso pessoal a uma situação geral válida. (...) se o doente percebe que o problema não é apenas seu, mas sim um mal geral, até mesmo o sofrimento de um Deus, aí então reencontrará seu lugar entre os homens e a companhia dos deuses, e só de saber isso, o alívio já surge.” (Jung, [1935] (1991), p. 96).

Oberg, na apresentação do livro de Grimm (2000), relata que os contos, diferente dos mitos, apresentam histórias mais facilmente identificáveis com nossa realidade já que suas aventuras são

vividas por seres humanos, com características humanas diferente dos mitos cujos heróis possuem características divinas. Eles abordam questões do ser, do existir humano em toda sua magnitude: a vida e a morte, o envelhecer, os medos, as conquistas, as derrotas e as vitórias oferecendo soluções e desfechos possíveis para seus leitores.

Hoje em dia os contos de fadas e os mitos são vistos pela sociedade como algo desvalorizado, infantil, feito para crianças. Em parte, não deixa de ser verdade já que apresenta às crianças a vida humana, mas não somente as crianças são beneficiadas pelas histórias míticas. Na realidade, como aponta Von Franz (1995) os contos de fadas se destinavam, em sua origem, à população adulta. As vigílias e reuniões típicas de moradores de uma determinada região eram animadas por contadores de histórias.

Segundo Galan (2003) os mitos e os contos de fadas tem sido desde sempre os veículos que expressam os símbolos do inconsciente coletivo encarregados de sustentar o processo de desenvolvimento do consciente coletivo. Atualmente os desenhos animados são veículos através dos quais esses símbolos abrangem a consciência sendo percebidos e integrados.

Bonaventure (1992) aponta que os contos como qualquer obra de arte trazem variações sobre um tema básico: o sentido da vida – algo propriamente pertencente ao campo do feminino.

As sociedades ocidentais, com o advento do patriarcado, herança das culturas grega e hebraica - essencialmente patriarcais apesar de seus cultos às deusas durante suas festividades - passaram a desvalorizar tudo que era tipicamente feminino dando pouca atenção à subjetividade. A irracionalidade dos mitos e contos que expressam sentimentos, aflições, problemáticas existenciais passaram a ser vistos, como tudo que a racionalidade não consegue apreender em si, como histórias absurdas, irreais. Hoje, mito é sinônimo, em nossa linguagem, de mentira.

O homem moderno, unilateralizado em seu pólo racional, perdeu o contato com sua origem mítica e abandonou tudo que considerou irracional. O feminino e tudo que ele representa foi relegado em nossa cultura à escuridão. A nossa consciência feminina foi relegada à sombra. Isso significa que o reino dos sentimentos, da intuição, da inspiração, da criatividade, da sexualidade, a necessidade de afeto e apoio e também a agressão e a raiva são conteúdos banidos de nossa personalidade consciente. Negamos a essa parte de nosso ser dignidade em sua existência e como todo aspecto não aceito, ele cobra atenção.

Os contos relacionados ao feminino trazem as problemáticas existentes pela falta de contato com esse aspecto. Problemas que afligem toda a sociedade, tanto mulheres quanto homens. Nos homens o contato com sua alma, com seus sentimentos é negado em sua consciência o que causa um grande empobrecimento em suas vidas, e nas mulheres, cuja essência foi suprimida, essa perda é muito significativa; é perder o ser em si.

Nos contos a feiticeira e a bruxa traduzem, segundo Von Franz (1995), o lado negativo do feminino banido da consciência, representam o medo da vida e de seus mistérios, o medo do

inconsciente, de entrar em contato consigo mesmo e descobrir o que se é de verdade, o que transmite o sentido de vida de cada um. Segundo ela, o objetivo dos contos é a individuação, a realização da totalidade psíquica, a descoberta da verdade interna e única que se define na união do princípio masculino e feminino que nos contos se dá com a união de rei e rainha, príncipe e princesa.

As mulheres passaram por diversas fases sociais: houve, no início dos tempos, uma grande valorização do feminino e a veneração da Grande Deusa. Com o patriarcado, a mulher foi relegada a segundo plano, seu desenvolvimento ficou bloqueado. Sua função passou a ser a procriação para manutenção da espécie. Porém, as energias relativas à vida não vivida das mulheres foram criando forma e explodiram no feminismo que se revelou como uma tentativa de reintegração do feminino na sociedade, porém, não foi muito satisfatório já que tinha o objetivo de igualar a mulher ao homem, portanto, não respeitando, ainda, os valores femininos. Hoje, as mulheres estão procurando uma forma de serem mulheres, de respeitarem sua essência e de se valorizarem perante a sociedade sem que o social suprima o individual. No capítulo I esse desenvolvimento social e psicológico das mulheres será abordado de forma mais completa.

Hoje, percebemos a necessidade de restituir o aspecto feminino na sociedade e em nossa vida. Em nossa comunidade vemos ocorrerem atos de crueldade e destruição irracional, como as chacinas, os espancamentos por gangues e tantas mortes banalizadas que nos assustam por seu despropósito aparente.

São dinamismos que pertencentes ao aspecto feminino não aceito atuam e invadem nossas vidas conscientes ameaçando nossa existência. Quando aceitos podem trazer grande enriquecimento às nossas vidas, porém, quando reprimidos, nos ameaçam. Cada pessoa, em especial, as mulheres, sente que a maneira de ser e se relacionar não satisfaz às suas necessidades. Em minha experiência clínica, percebo essa necessidade claramente onde queixas relativas à falta de sentido na vida, um sentimento de não saber quem realmente é, o que busca e o que quer são muito comuns. Assim, hoje, é imperioso que tomemos a responsabilidade de olhar para esta questão.

Essa necessidade de restituir o feminino em nossas vidas vem abrindo espaço nos estudos científicos. Existem estudos sobre a restituição do feminino como os livros de Neumann (2000) – “O medo do feminino” - e de Sylvia Perera (1998) – “Caminhos para a iniciação feminina”- além da redescoberta que os contos vem sofrendo na atualidade. O conto surge como uma expressão desse aspecto feminino pela sua irracionalidade. Coelho (1987) relata que a volta da importância dada a eles pela ciência que hoje se ocupa novamente de seus estudos, se dá por necessidade humana, o conto seria: “ caminho aberto para o conhecimento das vivências humanas mais profundas, que o racional não consegue apreender e expressar” (p.82).

O objetivo desse trabalho é pesquisar o processo de transformação da consciência coletiva no sentido de um movimento de mudança para a incorporação do feminino em nossa sociedade e de novos potenciais na identidade da mulher.

MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa qualitativa que busca compreender e interpretar um fenômeno específico utilizando, para isso, a relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto da pesquisa.

Essa postura de pesquisa em que o pesquisador é um agente de construção do conhecimento requer que ele tenha uma atitude de participação e envolvimento com o objeto estudado onde cada relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado é única e não requer generalizações e quantificações para ser interpretado.

O embasamento teórico que fundamenta essa pesquisa é a abordagem junguiana que utiliza o método de investigação simbólico arquetípico considerando tanto os conteúdos manifestos quanto os não manifestos vinculando a realidade concreta e a abstrata. Penna (2003) esclarece que nesse método o fundamento é o arquétipo que, através de suas manifestações simbólicas, permite conhecer o desconhecido, ampliando a consciência. É uma perspectiva metodológica que abarca a apreensão e compreensão dos eventos simbólicos arquetípicos.

O pensamento simbólico visa elucidar, enriquecer, ampliar os significados ocultos do símbolo, a fim de integrá-los à consciência. É através da amplificação que o material simbólico é compreendido pela psicologia analítica.

Jung declara que essa forma de trabalho metodológico requer do pesquisador uma abertura para o desconhecido, já que ele é o portal de passagem do oculto ao concreto sendo o símbolo o instrumento através do qual o inconsciente se manifesta. A aproximação entre o sujeito e o objeto da pesquisa é que permite que os conceitos teóricos e os dados observados possam, por aproximações sucessivas entre as partes, se interligar.

É importante, assim, que o pesquisador observe sua postura e perceba o momento certo de se aproximar e se envolver com os dados e o momento de se distanciar para não comprometer a análise.

Essa abertura ao desconhecido vem se alinhar com a crescente crítica das ciências contemporâneas ao extremo racionalismo científico passando, com a chegada dos métodos qualitativos, a interagir com o objeto estudado e a abordar aspectos não racionais.

O recurso metodológico escolhido para realizar essa pesquisa foi a utilização do filme “Mulan”, 36º longa-metragem de animação dos estúdios Disney, lançado em 1998. O filme foi

extraído de um poema clássico da literatura chinesa, cantado pelas crianças desde o século V chamado *Poema ou Balada de Mulan*.

A escolha do filme se deu por duas razões: em primeiro lugar por sua história ter como personagem principal uma menina em processo de amadurecimento em um sistema onde o patriarcado ainda é muito forte, mas vem sendo questionado. Mulan é uma menina que tenta se adequar ao sistema vigente, mas percebe que sua verdadeira essência está além do que é imposto pela sociedade. E, em segundo lugar, por entendermos que os filmes cinematográficos são veículos modernos de expressão dos temas arquetípicos.

Assim, o filme escolhido pode ser considerado com um conto atual onde o tema arquetípico do desenvolvimento feminino ocorre através da personagem Mulan que apresenta uma nova maneira de viver esse feminino. A seguir será apresentada um resumo do filme, o procedimento para a coleta de dados e a forma de análise do filme.

Procedimento para a Coleta de Dados

O filme foi dividido em 3 momentos objetivando uma melhor observação dos dados referentes ao processo de desenvolvimento do feminino representado no filme.

1ª. FASE: início do filme com a invasão da China.

2ª. FASE: início da jornada de Mulan como Ping.

3ª. FASE: Retorno à casa e início de um possível romance com seu comandante.

LEITURA SIMBÓLICA

1ª FASE

Mulan é uma adolescente e como toda adolescente passa por uma situação de grandes transformações tanto físicas quanto psicológicas apresentando tentativas de se adequar à sociedade e também a busca de sua verdadeira identidade. Esse é um período da vida caracterizado por um processo de transição e de conflito com os valores transmitidos pelos pais; há uma busca por independência e autonomia e o adolescente questiona o universo regido pelos pais para procurar seu próprio caminho. Esse processo é natural e essencial na vida de qualquer pessoa, é o momento em que tanto a adequação externa aos valores sociais quanto a transgressão a esses valores precisam fazer parte da vida do indivíduo.

Percebemos esse conflito nas atitudes iniciais de Mulan no filme, por exemplo, quando ela tenta corresponder às expectativas paternas decorando as regras da boa esposa para ser aceita

pela casamenteira, mas não consegue e, para se garantir, escreve as regras em seu braço. Ela afirma à mãe que escreve para não esquecer as regras e reza pedindo aos ancestrais que consiga achar alguém logo para que possa honrar sua família. Podemos perceber que Mulan deseja cumprir o que seus pais esperam dela, mas parece não estar mobilizada para esse propósito genuinamente.

Isso mostra o quanto Mulan não age nesse sentido de acordo com uma demanda interna e sim, tenta se adequar a demanda social, onde casar é o principal para a mulher. É como se essa situação de se preparar para o casamento não a mobilizasse internamente, ela parece não se identificar com esse papel. Na sociedade patriarcal, em especial, na sociedade chinesa, o feminino é desvalorizado em detrimento do masculino, o homem é considerado superior, detém o poder, e a mulher é percebida como um ser que precisa ser dominado, subjugado, para que somente os aspectos aceitáveis ao ego patriarcal se apresentem, ou seja, a mulher se resume a ser mãe, submissa e cuidadora, valorizada exclusivamente por sua necessidade na manutenção da espécie, por sua capacidade reprodutiva.

A família de Mulan pode ser entendida como uma típica representante da sociedade patriarcal. Todos os membros se mostram muito preocupados com a inserção de Mulan na sociedade e torcem por ela, cada um a sua maneira, estando todos muito presentes na vida da heroína. Sua mãe, a típica mulher submissa, boa, calma e obediente, e sua avó se esforçam para que Mulan tenha seu lugar garantido na sociedade indo com ela até a casamenteira e acompanhando-a em todo esse processo. Seu pai, por sua vez, é provedor, chefe da família, forte, guerreiro, destemido, podendo ser considerado um representante do patriarcado. Porém, apesar de fazer parte do sistema patriarcal rígido, ele se apresenta como um pai afetuoso, orientador, firme e presente na vida de sua filha direcionando suas ações quando necessário, mas sem deixar de demonstrar sua afeição por Mulan.

Um exemplo desse fato é quando Mulan, por não ser aceita pela casamenteira, volta para casa muito triste e evita falar com seu pai, demonstrando até certo receio de sua reação, do que irá lhe dizer. Ele aparece e lhe diz que somente uma das flores da árvore próxima a eles ainda não desabrochou, mas que quando isso ocorrer, essa flor será a mais bela de todas, comparando-a com Mulan. Ele percebe que Mulan ainda não está preparada para corresponder às expectativas sociais, mas acredita que essa é uma questão de tempo e a tranquiliza, por ter esperança que isso aconteça num futuro próximo.

Seu pai, como um representante do patriarcado, ensina e cobra de Mulan o seguimento das regras sociais, dos limites, ele espera que Mulan se adapte ao código coletivo, o que podemos perceber quando reza para que seja aceita pela casamenteira o que, no padrão social da comunidade representa o maior objetivo da mulher. A identidade e a inserção social da mulher se dão através de sua relação oficial com um homem que se estabelece pelo casamento. Na sociedade patriarcal, o pai pode se apresentar como um pai rígido, identificado com as normas e

as leis sociais ou um pai, que apesar de exercer sua função limitadora, tem o afeto presente em sua personalidade e consegue acolher os filhos. É como essa segunda forma de ser pai que podemos entender o pai de Mulan. Apesar de Mulan não corresponder às expectativas paternas, seu pai a acolhe, o que é estritamente necessário para Mulan conseguir transgredir as regras e se desenvolver.

Ter um bom relacionamento entre pais e filhos é necessário para todo o processo de desenvolvimento da personalidade e, em especial, para a elaboração produtiva da crise da adolescência. O melhor caminho para o desenvolvimento da consciência é propiciar que o padrão de alteridade se expresse tanto no adolescente quanto nos pais em seus relacionamentos e em suas psiques.

Para que a alteridade se expresse, é importante se permitir sair da dinâmica patriarcal e se inserir em uma dinâmica de alteridade, em que mulheres e homens, pais e filhos são vistos como pessoas inteiras, completas, em que as diferenças são acalentadas e não mais excluídas. No início do desenvolvimento, em um nível individual, todos estivemos imersos em uma dinâmica matriarcal, onde tudo é possível, indiscriminado. É um estado perfeito, de satisfação imediata dos desejos. Culturalmente, esse momento do desenvolvimento da psique se caracteriza pelo fato de que a racionalização, como conhecida por nós, não ocupava um lugar de destaque na psique das pessoas, bem como a divisão, a categorização, os esquemas e as explicações dos fenômenos.

Com o tempo, entramos em uma cultura e um funcionamento psíquico patriarcais que introduzem o princípio da realidade e o adiamento do desejo, instauram a cultura, o poder, a ordem, a hierarquia, a responsabilidade e a criança aprende o que significa limites. Na sociedade, percebemos essa transição pela ocorrência de divisões, tudo é minuciosamente estudado, observado, vem a tentativa de controle da natureza tanto interna quanto externa.

Porém, atualmente, após todas as conquistas tecnológicas e científicas que o patriarcado permitiu ser conquistado, a sociedade está passando por um questionamento de valores, costumes patriarcais. É uma busca pela alteridade, pela relação verdadeira e completa entre homens e mulheres inteiros em todos os sentidos, com respeito e acalanto às diferenças. Individualmente, esse processo ocorre na época da adolescência, onde há um questionamento dos padrões paternos, dos limites impostos, que só ocorrerá caso o pai, representante máximo do patriarcado, seja mais flexível, afetivo permitindo a expressão de personalidade, valores, questionamentos de seus filhos, ou seja, permitindo-se experimentar uma relação mais completa, mais real com seus filhos.

Na adolescência acontece a ativação dos arquétipos da anima e do animus que são arquétipos que representam o feminino no homem e o masculino na mulher. Esses arquétipos são a ponte entre o ego e o mundo interno, é através deles que acessamos o nosso mundo interior, nossa verdadeira essência. Cabe à mulher, em seu desenvolvimento, integrar conteúdos do animus atualizando disposições masculinas inconscientes e ao homem o mesmo em relação à

anima. Para a menina a figura do animus será identificada inicialmente com o pai e o fato do pai ser mais ou menos rígido, mais ou menos identificado com as normas e as leis patriarcais permite que a menina consiga ter maior ou menor facilidade de transgredir as regras sociais e se desenvolver. Por vezes, quando o pai se mostra muito castrador, a menina pode não conseguir se diferenciar desse mundo e se desenvolver plenamente.

Assim, o fato de Mulan ter uma figura paterna, rígida na sua postura patriarcal, mas também amorosa e acolhedora, permitiu que ela e toda sua família pudessem iniciar a transição da dinâmica patriarcal para a dinâmica da alteridade, de respeito pelo outro, em que os pais e os filhos são vistos como pessoas e respeitados em sua individualidade, o que fica mais claro no final do filme.

Na mulher, a primeira imagem do animus é a imagem paterna que permite que a pessoa consiga se firmar em suas idéias, ser criativa, tomar decisões e ter objetivos. Podemos perceber o quanto a família é essencial nessa fase por abrigar amor, identificação e dependência que precisam ser elaborados para a estruturação da psique madura. Todas essas características dependem de um animus positivo que se forma na relação essencial com seu pai. Mulan parece ter boa relação com o pai o que favorece seu desenvolvimento. Percebemos que ela é uma pessoa muito criativa, sempre desenvolvendo maneiras de lidar com as situações e com poder de decisão sobre elas. Ela acredita no que decide e no que faz.

Seu pai possui uma ferida na perna e é esse fato que faz Mulan decidir tomar seu lugar na guerra. Ele já é, no filme, um senhor de certa idade, não tendo mais a força e o corpo de um jovem, tem uma ferida na perna e usa uma bengala, instrumento usado por pessoas mais velhas. Na fase da adolescência dos filhos, os pais têm que enfrentar o envelhecimento e a morte, abandonar a imagem idealizada que possuem dos filhos e aceitar uma nova relação em que se fazem presentes a crítica e a ambivalência, o que possibilita mudança e desenvolvimento pessoal e psicológico para ambas as partes.

Podemos perceber que o pai de Mulan possui empatia com sua filha, entende suas escolhas e caminhos, apesar de ser um pai patriarcal e, portanto autoritário, ele parece aceitar sua filha como ela é. Também podemos associar essa ferida como um dos motivos para a empatia do pai com Mulan: quem é ferido entende as feridas do outro. Já, culturalmente, na sociedade patriarcal, a ferida na perna de seu pai pode simbolizar o fato de que o sistema patriarcal está ferido em suas bases.

Mulan, a heroína do filme, mostra ter força egóica suficiente para lutar por suas idéias até o fim e acreditar nelas. Mas, isso não significa que ela não se sinta inadequada frente à sociedade, o que lhe traz muito sofrimento, pois a inadequação é vivida como uma inadequação pessoal, apesar de ser, na verdade, uma necessidade social de olhar e questionar as bases da cultura patriarcal. Como uma heroína, ela traz em si aspectos que ainda não se tornaram conscientes

pelo seu povo e que, portanto, fogem à compreensão coletiva, apesar de serem potenciais do inconsciente coletivo e, portanto pertencer a todos.

A não adaptação social traz grande sofrimento ao indivíduo, o que podemos perceber no filme na primeira vivência de crise de Mulan quando volta da casamenteira. Porém, é a vivência da crise e do fracasso que abrem na sua personalidade, um espaço para o contato consigo mesma, com sua verdadeira essência.

No mesmo dia ocorre o anúncio da guerra que, simbolicamente, significa o combate entre polaridades, entre o bem e o mal, a luz e as trevas, o inconsciente e o consciente. A guerra, simbolicamente, pode ser entendida como um conflito entre polaridades que pode se apresentar tanto no nível individual, quanto no nível coletivo, cultural. No filme podemos perceber que esse conflito se dá tanto no país com a explosão da guerra quanto em Mulan, através de seus questionamentos e dificuldades. É uma luta consigo mesma para um maior conhecimento de si que vem em conformidade com o questionamento de Mulan. Assim, podemos pensar que além de substituir seu pai indo para a guerra em seu lugar, houve, também, um chamado interno, individual, no intuito de responder a sua própria busca, dar vazão à sua crise existencial, como também representa uma necessidade social, comum a toda aquela comunidade.

Como toda heroína, Mulan traz o novo, ameaça o status quo. O legado do herói é trazer transformação e ampliação da consciência para uma renovação social e cultural o que consegue por possuir um modelo de ego, um ego com propósito, conectado com sua essência, o Self. Mulan é um símbolo que mostra aspectos novos do feminino que ainda não foram incorporados, mas que são necessários na sociedade. O elemento novo não é aceito por trazer a mudança do status quo, mas que, se for incorporado, trará ampliação da consciência. A sociedade patriarcal valoriza o homem e aspectos do masculino como a ordem, a disciplina, a razão, a hierarquia e desvaloriza o feminino. Quanto mais reprimido o feminino mais rígida a forma de se relacionar das pessoas e maior a agressividade que não é aceita naturalmente.

Isso fica claro no filme pelo perfil dos inimigos de Mulan, os Hunos. Segundo o site Wikipedia, os Hunos eram um dos povos mais violentos e ávidos por guerras. Eram nômades e adeptos de combates a cavalo. Devido a sua proeza militar e disciplina, mostravam-se imbatíveis, tirando todos do seu caminho. Eles espalhavam terror nos inimigos devido a velocidade em que eles podiam se movimentar, trocando de montaria várias vezes ao dia para manter a vantagem. A principal fonte de renda dos hunos era a prática do saque aos povos dominados. Quando chegavam numa região, espalhavam o medo, pois eram extremamente violentos e cruéis com os inimigos. Sua tática essencial era fazer ataques-surpresa relâmpago e garantir o terror.

A invasão da China por esse povo bárbaro, destrutivo, agressivo e primitivo, pode ser associada à acentuação desses conteúdos na consciência coletiva, a uma unilateralização da psique coletiva em relação aos aspectos patriarcais em detrimento de aspectos femininos. Os Hunos representam, como povo, aspectos mais primitivos, mais selvagens do ser humano, como

uma acentuação de aspectos negativos do patriarcado que mostra o quanto o feminino banido da consciência pode trazer explosão da agressividade. São aspectos que estão acentuados na consciência patriarcal, de agressividade desmedida e irracional.

Em um nível individual quando uma pessoa está muito distanciada de algo importante psiquicamente, estando muito inconsciente disso, a psique busca, de forma autônoma o equilíbrio para garantir a sua saúde, trazendo o pólo negado mais próximo da consciência. O mesmo ocorre em um nível cultural quando um pólo está muito distante da consciência coletiva. Podemos associar Mulan, a sua emergência na guerra, como uma representação simbólica do fator compensatório da psique para restaurar o equilíbrio. No filme com a guerra, representando a exacerbação das características masculinas, traz à consciência o pólo negado, o feminino, buscando a integração dos opostos, o feminino e o masculino. É esse encontro entre o que é consciente e o que é inconsciente, o revelado e o oculto, que vem ampliar a consciência cultural.

O fato de os aspectos femininos, como os sentimentos serem tão relegados da consciência e da vida social, faz com que tenham que se impor para serem vistos e possivelmente, incorporados na vida consciente. Esse processo é análogo ao processo de ser tomado por um complexo, no caso da sociedade patriarcal, ser tomado por aspectos que se relacionam com o feminino banido da consciência social. No filme, o fato da guerra já estar acontecendo, mas ainda não ser percebida por todos pode mostrar que esse conflito ainda é inconsciente. A tensão psíquica interna entre as polaridades não faz parte da consciência coletiva. É papel do herói, no caso da heroína, trazer para a consciência o aspecto. Mulan denuncia, personifica esse conflito.

A força egóica de Mulan se exprime em coragem, criatividade e objetivo de vida, que são aspectos do masculino, também importantes para o ego feminino. Mulan é uma legítima participante do patriarcado, está identificada com os valores desse dinamismo e, portanto, podemos perceber que Mulan resolve, então, vestir-se como um soldado e ir à guerra no lugar de seu pai. Mulan decide, então, seguir seu impulso, algo que vem de dentro dela em ir de encontro à guerra, ao conflito, dando importância ao seu chamado interno em busca de descobrir que é realmente. Ela percebe que não será aceita como mulher e decide vestir-se como soldado.

Como em qualquer mudança, primeiro ocorre uma identificação com o opositor, o lado oposto. Vemos que, assim como as mulheres da década de 60, Mulan também tenta se inserir e ser aceita através da identificação com o padrão masculino valorizado e consciente. Podemos relacionar sua atitude à atitude feminista de queima de soutiens em praça pública, onde as mulheres tentavam provar sua igualdade com os homens e conquistar seu lugar: já que como mulher não tinham vez, então tentavam mostrar que poderiam ter espaço; tentavam mostrar sua força sendo como os homens. É através do processo de identificação com o oposto que as mulheres, e no caso Mulan, começam seu processo de busca de identidade, processo que vemos acontecer no decorrer do filme.

2ª FASE

Mulan inicia sua jornada e sai da casa de seus pais como Ping até o acampamento de guerra. No plano individual, podemos associar esse momento com o período da adolescência onde a menina precisa sair do universo dos pais e conquistar maior autonomia. Esse processo se caracteriza por uma busca de ampliação de consciência, autoconfiança, enfim, de grandes conquistas pessoais. Porém, Mulan, como uma heroína, não sai simplesmente para casar ou estudar e sim, para guerrear como um homem no lugar de seu pai. Ela, como heroína, representa, no plano pessoal, uma busca pessoal de crescimento e conquista para a própria vida, além de uma conquista maior, para a sociedade em que vive: um espaço para a conquista do feminino em um mundo essencialmente masculino.

O arquétipo do herói ou heroína, como todo arquétipo, representa um componente da camada da psique comum a todos chamada inconsciente coletivo. É a idéia de arquétipo que permite-nos perceber que estamos ligados inseparavelmente à continuidade dos assuntos eternos da humanidade. O arquétipo é a fôrma de onde saem as mesmas idéias comuns a toda humanidade. Ele é, em si, incognoscível e se apresenta ao indivíduo através de uma forma de expressão simbólica, ou seja, de uma imagem que se mostra à consciência como a melhor forma de expressar o desconhecido naquele momento. O arquétipo do herói é uma dessas manifestações.

Ele representa a força interna que todos possuímos como potencial a ser descoberto e utilizado quando necessário. Durante sua jornada, o herói, precisa se deparar e lutar com aspectos desconhecidos de si mesmo, com os quais ele precisa entrar em contato para deles retirar a força que necessita incorporar ao seu ego, ampliando sua consciência. Sendo um herói, um modelo de ego, ele é aquele que possui a função de contribuir não só para uma ampliação na consciência individual, mas também coletiva, trazendo à sociedade as mudanças necessárias, uma renovação social e cultural. O herói, ou a heroína, como no caso de Mulan, consegue realizar seu intento através de sua jornada que se caracteriza por sair de uma situação conhecida, vencer os obstáculos em busca de sua verdadeira essência, de sua individualidade o que possibilita a ampliação de consciência de si e na mesma medida permite que a consciência coletiva de seu povo se amplie.

Mulan, a heroína do filme, pode ser entendida sob dois aspectos, conforme explicitado acima, no plano individual e coletivo. Individualmente, podemos perceber que Mulan vai em sua jornada em busca da ampliação da consciência pessoal, fato demonstrado por suas inquições a respeito de quem é realmente, qual sua verdadeira essência. Ela se questiona nos dois momentos de crise no filme – quando não aceita pela casamenteira e quando é expulsa do exército – sobre quem é e o fato que a levou à guerra, concluindo que está relacionado com uma busca interna, profunda, de quem ela é. Além disso, no plano coletivo, Mulan tem um objetivo maior, a ampliação da consciência coletiva. Quando ela é expulsa do exército por descobrirem que é

mulher, ela pensa em desistir, porém quando percebe que seu propósito ainda não se extinguiu, que seu povo ainda precisa dela, decide, sem mostrar nenhuma dúvida, continuar sua jornada e salvar seu povo.

Em se tratando de uma heroína, as conquistas de Mulan se referem ao resgate do feminino que foi reprimido na sociedade patriarcal. Isso se relaciona à sabedoria, habilidade, criatividade para lidar com as situações, aspectos essencialmente relacionados ao feminino, entre outros como a sensibilidade, a agressividade, a emoção, a intuição, o acolhimento, a gestação, a fertilidade, o cuidado, a transformação, a inconsciência. O feminino, portanto, acessa um lado da personalidade relacionado ao sentimento, a intuição; a sabedoria que se origina não é aquela conhecida na sociedade patriarcal: lógica, determinada, objetiva e, sim, uma sabedoria mais intuitiva, ligada ao aspecto emocional, ilógico, inconsciente. E é esse aspecto que Mulan acessa para agir, sua habilidade e criatividade se originam desse aspecto, tão diferente de todos os outros personagens masculinos do filme.

Podemos perceber que Mulan não enfrenta com força bruta, sabe esperar a hora certa de agir e age independente dos outros concordarem ou entenderem suas decisões. Mulan acredita em sua capacidade, em sua percepção, não se deixa vencer pelos obstáculos. Ainda por ser uma heroína, Mulan possui um contato profundo e contínuo com Mushu, o enviado do Self para auxiliar o ego da heroína em sua jornada até que este adquira força suficiente para caminhar sozinho.

Assim, ela não inicia sua caminhada sozinha, no caminho conhece seu guardião divino, enviado pelos seus ancestrais, Mushu e seu ajudante, Gri Li, o grilo da sorte. Podemos associar esse contato e essa caminhada com o processo de desenvolvimento egóico: Mulan, como heroína, representa um modelo de ego, um ego com objetivos claros e pelos quais luta ao mesmo tempo em que se mantém conectado com o Self. Em função dessa conexão, Mulan mantém um contato vivo com o inconsciente, com o novo, sem se desadaptar à vida externa, constituindo um diálogo entre consciente e inconsciente. A presença de Mushu, o cavalo e o grilo mostram que o herói-ego na sua jornada de transformações conta com o auxílio do Self que proporciona recursos que o ajudam nessa empreitada.

O diálogo entre Ego-Self garante um sentimento de totalidade, de pertencimento a algo maior e de nunca estar sozinho. A conexão Ego-Self garante estrutura, segurança egóica, energia e propósito de vida, exatamente a busca de Mulan nesse momento e algo que conquista no decorrer de sua jornada. Os guardiões de Mulan representam a ligação entre o ego da personagem e o Self, eles são os símbolos que fazem essa conexão. É através do símbolo que o inconsciente se atualiza na consciência trazendo o enriquecimento psíquico necessário à vida do indivíduo. Essa interrelação entre consciente e inconsciente possibilita uma nova visão da vida que abarca os opostos como uma única realidade.

Mushu é um dragão que simboliza os opostos, é aquático e terrestre, yang e yin, as duas faces, o que ele proclama não é discutido, é a personificação divina e obscura ao mesmo tempo. Na China, segundo Chevalier e Gheerbrant (2005), o dragão é o símbolo do imperador que garante o ritmo da vida, da ordem e da prosperidade. É o símbolo da onipotência chinesa. Além de Mushu, Mulan também tem consigo seu cavalo, símbolo do inconsciente e do instinto, é um animal associado à passagem, da vida para a morte, do dia para a noite, do consciente para o inconsciente e o grilo da sorte que, segundo Chevalier e Gheerbrant (2005), simboliza o triplo: a vida, a morte e a ressurreição. Podemos associar essa imagem ao necessário processo de confrontação de opostos e posterior elaboração simbólica que Mulan precisará empreender durante toda sua jornada, sendo que seus três companheiros a acompanham desde seu início até o retorno ao lar, onde, após empreender sua jornada, poderá retornar ao seu lar mais unificada.

Esses símbolos representam o contato de Mulan com sua totalidade e, através de suas conquistas, de seus atos durante sua jornada, a heroína busca integração de aspectos ainda inconscientes em si mesma e isso, a longo prazo, também repercute em uma transformação social, na vida de sua comunidade. Mulan – como heroína – é necessária no sentido de ampliar a consciência social e promover, assim, a individuação do Self cultural.

Essa ampliação da consciência cultural se dá no sentido da incorporação do feminino. Mulan busca conquistar seu lugar na sociedade como homem, já que as mulheres não tinham nenhum poder ou possibilidade de se firmar socialmente. Quando chega ao acampamento tenta se portar como homem o que podemos associar a uma tentativa de inserção, dentro do possível, no mundo patriarcal, e, também, como uma identificação da mulher com os valores do masculino, que, mostra ter sido essa a forma que Mulan conseguiu encontrar para se inserir em um mundo onde a mulher e o feminino não têm espaço.

Na sociedade, de modo geral, no início dos tempos, a mulher e o feminino já tiveram grande destaque e prestígio na sociedade. Havia cultos à Grande Deusa e a mulher era o centro das sociedades. Com o passar dos tempos e a chegada da Idade Média com a necessidade de conquistas territoriais e guerras, o homem passa a conquistar cada vez mais prestígio e ocupa, então, o centro da sociedade. A mulher se resume a ser mãe, submissa e cuidadora, valorizada exclusivamente por sua necessidade na manutenção da espécie, por sua capacidade reprodutiva. Somente por volta da época em que ocorre a 2ª Guerra Mundial é que as mulheres passam a reivindicar seus direitos. Na década de 60, no século XX, surge o movimento feminista que foi muito importante para diversas conquistas das mulheres, apesar de que, nesse movimento a busca se dava no sentido de igualdade dos sexos sem o respeito necessário pelo feminino.

É importante destacar que a valorização do masculino em detrimento do feminino foi um processo necessário para as conquistas da humanidade, já que possibilitou um maior controle da natureza e tantas conquistas científicas. Já mais para o final do século XX, há um movimento da mulher na tentativa de realização de suas reais potencialidades e necessidades inaugurando algo

que se assemelha a uma nova era. Há uma busca pelo autoconhecimento, reflexão, uma nova identidade que abarque seus potenciais, até então, adormecidos. Assim, hoje, podemos perceber que estamos em uma readaptação psíquica que se reflete no comportamento das pessoas. As mulheres estão buscando uma nova forma de sentirem-se inteiras, completas.

Assim, Mulan inicia sua jornada, como as mulheres fizeram nos anos 60 do século XX, procurando se portar como um homem, já que, como foi dito acima, essa era a única forma que enxergava ser possível e também porque tinha uma grande identificação com o masculino, como o centro do poder. Podemos pensar o aparecimento da questão de identificação da mulher com o masculino na tentativa de se inserir socialmente como algo comum a todas as culturas; como uma questão arquetípica, ou seja, uma questão que se reflete em todos independente do lugar, época ou cultura. Isso aparece no conto de Mulan, um conto que se baseia em uma poesia chinesa do século V, o que mostra que é algo comum a humanidade ocidental e oriental, que aparece na vida cotidiana, nos filmes e nos contos.

Portanto, como uma questão arquetípica, Mulan, uma mulher que busca seu lugar na sociedade patriarcal, se veste de soldado e tenta se comportar como um homem, mas desde o início fica claro a diferença entre ela e os outros soldados em relação a comportamento e força física. Mulan ora age agressivamente, ora se esquivava e vai ficando claro, durante seu tempo junto aos soldados que apesar de diferente, ela consegue realizar as atividades, que também é hábil e criativa. Podemos pensar que a maneira de Mulan se comportar difere dos homens no sentido em que eles tentam atingir seus objetivos através da força física, já que, na sociedade patriarcal, os homens são fortes e agressivos e utilizam essas características para conseguir o que querem. Mulan, por sua vez, busca a melhor maneira de realizar seus objetivos, usando a intuição e a criatividade, trazendo uma nova forma de ser e se comportar para aquela comunidade essencialmente masculina.

Podemos perceber essa transformação operando em Mulan se compararmos a forma como chega ao acampamento com a forma como se comporta após um tempo com os soldados. Mulan tenta, no início, ser como um homem, andar como um deles, falar como eles. Com o tempo, passa a se comportar de forma mais natural, feminina. Como mulher, Mulan participa das brincadeiras dos soldados, mas quando se refere às mulheres, o faz de forma mais cuidadosa, respeitosa. Também é mais reativa aos sentimentos que assomam a todos e demonstra mais facilmente o que sente. No momento em que chegam a aldeia em que Shang percebe que seu pai foi morto, ela é a única que consegue expressar seu sentimento a ele, se aproximando e dizendo o que sente, além de mostrar muita tristeza por perceber que na aldeia haviam crianças e possivelmente, mulheres, já que encontra uma boneca no chão.

Aos poucos ela consegue inculcar novos valores nas pessoas com quem convive, transformar a maneira de ser dos soldados. As figuras masculinas que aparecem no filme são a expressão da persona masculina excessivamente rígida, unilateralmente patriarcal: fortes,

guerreiros, agressivos, autoritários onde não cabe a expressão dos sentimentos (tipicamente feminino), mostrando o quanto esse aspecto (anima) é reprimido nos homens do filme.

A anima é o potencial arquetípico que permite estabelecer uma relação entre a consciência e o inconsciente para que o ego entre em contato com conteúdos profundos da psique, seu mundo interno, arquetípico, afim de caminhar em seu processo de individuação abarcando as potencialidades em sua consciência. O arquétipo da anima representa os instintos, a terra, a emotividade, a conexão profunda com as pessoas. O desenvolvimento da anima influi na maneira do homem se relacionar consigo mesmo e com os outros, em especial, com as mulheres. Quando pouco integrado à consciência esse arquétipo gera estados alterados de humor no homem, enxurradas de afetos indiscriminados. Este homem tem variadas alterações de humor, é melancólico, inseguro e retraído e apresenta dificuldades em seus relacionamentos. A anima não aceita se faz presente de forma destrutiva. Quando a anima é integrada à consciência ela se torna um potencial criativo acarretando uma ampliação da personalidade e da consciência gerando um relacionamento melhor com as pessoas, assim como consigo mesmo.

Podemos perceber o pouco contato com a anima nos soldados e a projeção disso nas mulheres no início do filme quando eles se referem às mulheres concretas como seres inferiores à eles, que estão esperando para servi-los quando voltarem para casa, após a guerra, o que mostra que a repressão do feminino ocorre tanto em relação à anima quanto à mulher em si. Shang também passa por uma transformação no filme da mesma maneira que os outros soldados, e no momento em que deveria matar Mulan ao descobrir que é uma mulher vestida de homem, ele decide poupar sua vida como forma de agradecimento por ela o ter salvado antes. Os soldados vão embora tristes por deixar Mulan e demonstram isso. Todas essas atitudes mostram um maior contato com os sentimentos e a expressão destes.

Conforme o tempo vai passando e o contato com Mulan se tornando mais presente para os soldados, vai acontecendo uma transformação nos homens do filme. Eles, ao entrarem em contato com Mulan, entram em contato com uma nova possibilidade de ser, com o seu aspecto feminino, sua anima e perdem o medo. Eles passam a ser menos brutos, até mais sensíveis, passando a confiar mais em Mulan. Essa mudança pode ser relacionada com as transformações que um homem passa durante sua vida através do contato com as mulheres, já que é através desse contato, que se inicia com a mãe e se estende a todas as mulheres importantes na vida de um homem, que a anima é constelada, é modificada, passa a ser mais incorporada trazendo uma ampliação de consciência para os homens do filme que simbolizam o masculino rígido.

O momento do filme em que podemos perceber claramente a atuação modificada da anima nos soldados e em Shang é quando Mulan, na última batalha, percebe que a força física não é suficiente para vencer, ou seja, falta o aspecto feminino para que possam vencer o inimigo. Mulan vem trazer aspectos relacionados ao feminino, a inteligência mais emocional, intuitiva, menos racional que percebe faltar na batalha quando vê os soldados tentando avançar somente

com a força bruta e não conseguindo progredir. Ela, então, chama seus companheiros soldados que a seguem com total confiança, mostrando o quanto a relação com Mulan está estabelecida e a partir disso conseguem acessar melhor seus aspectos femininos internos. Assim, eles conseguem salvar o imperador.

Tanto para a mulher quanto para o homem, em seu desenvolvimento, há a necessidade de integrar conteúdos do animus e da anima atualizando disposições masculinas inconscientes na mulher e femininas inconscientes no homem. No homem o desenvolvimento da anima influi na maneira dele se relacionar com os outros, conforme vimos anteriormente. O mesmo ocorre com as mulheres em relação ao seu potencial masculino. O animus representa a racionalidade, a capacidade de julgar, a objetividade, a justiça, a organização, a moral. Ele impulsiona a mulher para agir, fornecendo energia e poder de decisão. E é exatamente isso que ocorre com os soldados e também com Mulan.

Mulan é uma heroína e, como heroína, promove mudanças não só em si mesma, mas também na consciência coletiva ampliando os papéis antes cristalizados de homem e mulher e, psiquicamente, da anima e do animus. Ela traz uma nova imagem de mulher e é através dessa imagem que vai ocorrer a transformação tanto no homem quanto na mulher.

Assim, Mulan também se transforma: inicia sua jornada muito perdida, sem saber quem realmente é, o que quer para sua vida, e se encontra nas relações que se estabelece, vai se tornando mais confiante, uma característica que já possuía anteriormente, mas que se torna mais presente durante sua jornada. Podemos perceber isso comparando a maneira como Mulan se comporta no início do filme quando Shang ordena que realizem algumas atividades de treinamento e com o decorrer da sua caminhada quando passa a agir por conta própria, inclusive desobedecendo ordens superiores, o que mostra o desenvolvimento de seu poder de decisão e objetividade.

Mulan começa, então, a deixar de se identificar e valorizar o modo de agir masculino e começa a expressar o feminino, valorizando suas qualidades. Quando a mulher consegue discriminar o animus como potencialidade masculina, da imagem paterna que é o núcleo do complexo paterno, ela passa a usufruir das qualidades masculinas positivas, sem precisar se portar como um homem.

Podemos perceber essa atitude em Mulan no momento em que tem que decidir como enfrentar e vencer os Hunos, decide fazer o oposto do que seu líder ordenou, seguindo sua intuição. Ela percebe que o melhor é atirar na montanha para provocar uma avalanche e, assim, conseguir destruir todo o exército que é muito maior que o seu. Assim o faz e consegue seu intento. Podemos pensar que a neve está associada a água congelada. Água é símbolo de vida, ela pode tanto dar quanto tirar a vida, é referente ao Yin, ou seja, ao feminino e é com a água congelada, a neve, que Mulan derrota o exército inimigo, com seu poder feminino. É o feminino

que consegue combater o grande exército dos Hunos que representa aspectos mais primitivos, mais selvagens, uma acentuação de aspectos negativos do patriarcado.

Através de sua jornada, em seu processo de individuação, novos aspectos, antes desconhecidos da personalidade de Mulan são incorporados à sua consciência. Com o tempo, Mulan torna-se mais integrada, mais madura e o que é muito importante tanto para a sua própria individuação quanto para sua comunidade, já que no final de sua jornada a sedução, tão relegada na sociedade patriarcal como algo a ser subjugado, visto como uma arma da mulher contra o homem pode, então, ser reincorporado como algo natural do ser humano. Segundo o dicionário Melhoramentos (1997), sedução significa encanto, atração, fascínio e seduzir é desonrar, levar a rebelião, subornar, atrair, cativar, fascinar. Conjuga-se com conduzir que significa guiar, dirigir, dar rumo, direcionar, levar, transportar. Podemos perceber o quanto a sedução é amedrontadora para a sociedade patriarcal que tenta subjugar as mulheres, já que é um potencial do feminino capaz de levar a algo, conduzir por encanto e fascínio a algum lugar ou alguma coisa. Podemos perceber que é um potencial muito importante, já que garante força, poder de persuasão que tanto os homens quanto as mulheres necessitam, mas que pelo pouco contato estabelecido com o feminino, gera medo.

Podemos perceber que ocorre essa reintegração do feminino quando Mulan convence os soldados e junto com eles seduzem o exército inimigo ganhando a batalha. Quanto mais distante da consciência está um aspecto, mais força ele tem para invadi-la independente da vontade do ego. Os Hunos, um povo tão distante do aspecto feminino, é facilmente subjugado pela sedução que, por ser um aspecto tão distante de suas consciências é capaz de tomá-la em momentos e situações inapropriadas como podemos ver no filme, levando-os a perder a batalha.

Os soldados, símbolos da persona masculina unilateral, também aceitam vestirem-se como mulheres para enfrentar o inimigo, mostrando uma maior mobilidade em sua persona e uma incorporação de valores femininos no ego com conseqüente ampliação de consciência. Aspectos do feminino que antes estavam na sombra agora são incorporados na consciência coletiva. A persona torna-se menos rígida, pois ao integrar aspectos da sombra, antes projetados na mulher que, por isso, era excluída socialmente, a sociedade torna-se mais completa, verdadeira.

Os aspectos femininos projetados na mulher por serem incompatíveis com a personalidade social puderam através da relação com o outro serem novamente incorporados e reintegrados à consciência. Quando trazidos à consciência, o material da sombra perde muito da sua natureza negativa, deixa de provocar medo, já que não é mais desconhecido, abrindo a porta para o auto-conhecimento e nos apontando nossa verdadeira essência, além de permitir, então, um relacionamento de alteridade com o aspecto antes negado, já que o outro agora é visto de forma íntegra, com defeitos e qualidades e não mais carrega a sombra coletiva.

O feminino tão pouco incorporado à sociedade patriarcal, tão relegado à sombra passa a ser reincorporado, passa a fazer parte da consciência coletiva trazendo ampliação dessa consciência.

No filme podemos perceber essa aceitação e reincorporação do feminino por toda a comunidade quando Mulan é reverenciada por todos. É a redenção do feminino na consciência coletiva necessário para a individuação do Self coletivo.

Podemos pensar que o feminino passa a ser aceito nessa cultura, integrado, passa a ter um lugar o que leva a relações de alteridade. Um feminino rechaçado, colocado na sombra da sociedade patriarcal que integrado permite a todos da cultura uma ampliação de consciência e maior energia e autonomia perante os desafios da vida. Mulan é reverenciada como a heroína de toda uma cultura. É a heroína do feminino.

3ª FASE

Terminada sua jornada Mulan volta para casa com os símbolos de sua vitória. Ela leva consigo o selo imperial que o Imperador lhe concede para que mostre a sua família que a honra de seu nome está garantida e a espada de Shan Yu, o comandante do exército inimigo, para que o mundo saiba o que fez. Ao chegar em casa entrega os símbolos de sua vitória ao seu pai. Selo, segundo Gheerbrant e Chevalier (2005), simboliza poder e autoridade o que é reafirmado quando o imperador e todos se curvam diante de Mulan. Podemos pensar que a sociedade chinesa, nesse momento, se curva ao feminino, já que foi uma mulher, símbolo desse aspecto no filme, que venceu a guerra se utilizando de capacidades e características típicas do feminino.

Mulan também leva para casa a espada do comandante inimigo. Espada é símbolo do masculino por seu poder de discriminar, separar. Assim, podemos pensar que Mulan, em seu processo de individuação, volta para casa com aspectos do masculino incorporados à sua consciência, ela incorpora ao ego capacidades do masculino com as quais, antes, se identificava, mas não fazia parte de si. Espada também simboliza a justiça e o combate pela conquista do conhecimento e destruição da ignorância, além de ser um símbolo do poder imperial. Assim, podemos associar a conquista do objetivo da jornada de Mulan: trazer à sua sociedade ampliação da consciência ao incorporar o aspecto feminino em uma sociedade absolutamente patriarcal. Podemos pensar que o Imperador concede à Mulan o poder da redenção do feminino em sua sociedade.

No aspecto individual, Mulan cumpre sua tarefa e volta para casa transformada, mais madura, ao integrar aspectos femininos antes reprimidos pela cultura aos aspectos masculinos de sua própria personalidade. Enfrenta seus obstáculos e se torna mais íntegra, como uma heroína é um símbolo de transformação que propicia uma ampliação de consciência cultural. Nesse momento ela está pronta para seguir sua vida, sente que está no caminho certo, o que fez é parte de seu processo de individuação: sente-se bem em retornar para casa, sabe que ali é seu lugar.

Ela despede-se de Mushu, pois no momento em que termina sua jornada, já está mais íntegra, mais madura e tendo estabelecido um bom diálogo Ego-Self não carece mais de reforço

Sélfico, ou seja, de um guardião que a conecte ao Self. Ela pode seguir sua vida de forma mais íntegra, mantendo um diálogo Ego-Self que conquistou em sua jornada. O Self conecta a pessoa consigo mesma, na busca de sua verdadeira individualidade ao mesmo tempo em que mantém a pessoa ligada a um centro transcendente, que vai além do indivíduo e abarca a totalidade. Ele garante o sentimento de totalidade que é a sensação de ter alguma meta na vida.

Para que o Self possa se atualizar na vida do indivíduo e garantir a saúde psíquica necessária, o ego precisa estar forte o suficiente para que consiga ao mesmo tempo trazer à consciência aspectos do inconsciente, ampliando a vida psíquica, e se manter adaptado ao mundo externo. Essa conexão Ego-Self, que Mulan conquista ao fortalecer seu ego, transmite estrutura, segurança egóica, energia e propósito de vida.

Pudemos perceber que Mulan, como todo herói, está sempre em conexão com o Self, sendo um modelo de ego. Ela passa por duas grandes crises de identidade onde o sofrimento é inevitável. Surge o vazio, o desespero, a falta de sentido na vida. Ela sente-se perdida no mundo, não percebe sua real essência, seu destino, não se conhece profunda e realmente. Durante o filme podemos perceber esse questionamento a respeito de quem se é realmente vindo de Mulan, o que mostra um conflito interno, uma tensão interna que propicia um caminho de transformação de identidade; quando o novo é incorporado à consciência, Mulan torna-se mais íntegra, madura e, como uma heroína, permite transformação social, com ampliação de consciência cultural.

Porém, Mulan só consegue fazer o que faz, cumprir sua jornada pela conexão que todo herói possui consigo mesmo, com seu centro Sélfico. O contato com o Self permite à psique integrar as suas várias partes, permite o desenvolvimento de uma atitude que interrelacione a realidade visível e a invisível que traga o sentimento pleno de ser no mundo. Essa interrelação ocorre constantemente com o objetivo de integrar novos conteúdos vistos como opostos na psique, possibilitando uma nova visão da vida que não mais exclua os opostos e sim que abarque o que era antes considerado divergente como uma única realidade, como uma totalidade.

Dessa forma, podemos perceber que Mulan realizou seu objetivo: entrar em contato com sua verdade mais profunda caminhando em seu processo de individuação. No final de todos os contos de fadas, o herói se une a sua princesa e isso não poderia ser diferente com Mulan: ela termina seu retorno com o reencontro com Shang, por quem se apaixonou enquanto lutava na guerra.

O casamento reflete o final da jornada do herói, pois simboliza a união do Logos com o Eros, da razão com a emoção, a descoberta e o contato com o outro lado da personalidade, seja o feminino no homem ou o masculino na psique da mulher. É o símbolo do contato com sua verdade mais profunda, da integração de aspectos antes desconhecidos à psique consciente que ocorre tanto no desenvolvimento do homem quanto da mulher.

No início do filme, Mulan vai à casamenteira, mas, naquele momento o casamento é somente uma exigência social, é visto como algo externo, que serve para trazer honra à família,

não é enxergado como uma escolha de parceiro, de vida, como parece acontecer no final do filme. A proposta de casamento do início do filme ocorre sem nenhuma preocupação sobre quem é o outro com quem vai se casar. Podemos associar esse fato a uma relação pouco estabelecida entre Mulan, nessa fase, e seu animus.

O animus representa a racionalidade, a capacidade de julgar, a objetividade, a justiça, a organização, a moral. Ele impulsiona a mulher para agir, fornecendo energia e poder de decisão. O animus pouco integrado à consciência toma a mulher, da mesma forma que a anima toma o homem, e a torna preconceituosa, agressiva, repressora, dogmática, argumentadora e generalizadora buscando sempre ter a última palavra. Podemos perceber que Mulan, nesse momento, está dominada por um animus pouco integrado de forma que é guiada em sua vida pelas regras sociais internalizadas. Ela se identifica com a sociedade patriarcal, com o masculino sem um verdadeiro contato com o masculino dentro de si, com seu animus.

Durante sua jornada, Mulan se relaciona com outros homens, se identifica com o masculino ao vestir-se como um e consegue incorporar aspectos do masculino em sua personalidade, tornando-se mais íntegra e podendo, dessa forma, estabelecer um verdadeiro contato com o outro. Ela se apropria de sua vida, de suas decisões, de seus julgamentos. Ela escolhe, avalia a partir de seu ego, toma sua vida em suas mãos.

O mesmo acontece com Shang que a partir de sua relação com Mulan, estabelece um maior diálogo com sua anima e torna-se mais íntegro, mais completo. Agora Mulan e Shang, mais conscientes de seus aspectos masculinos e femininos, em melhor contato com o animus e a anima, podem se relacionar de forma íntegra, verdadeira com o outro como ele é de verdade, estabelecendo uma relação de alteridade, onde duas pessoas completas se relacionam. O fato de estabelecer uma melhor relação com o feminino e o masculino interno, os aspectos do oposto que todos temos dentro de nós, permite à Mulan e ao Shang que possam estabelecer uma relação mais verdadeira entre eles.

Culturalmente, Mulan, uma heroína, possibilita à sociedade, sendo um modelo de ego, uma nova maneira de ser e se relacionar, permite a integração de aspectos femininos na sociedade que permite a todos uma melhor relação consigo e com os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi entender o processo de transformação da consciência coletiva no sentido de um movimento de mudança para a incorporação do feminino em nossa sociedade e de novos potenciais na identidade da mulher.

Os mitos e os contos de fadas tem sido desde sempre os veículos que expressam os símbolos do inconsciente coletivo. Entendemos que o cinema é, na época atual, um veículo que

atinge grande número de pessoas, podendo ser compreendido como a forma moderna de expressão dos temas humanos básicos. Atualmente as histórias narradas em filmes, desenhos, literatura são veículos através dos quais esses símbolos atingem a consciência sendo percebidos e integrados na consciência coletiva.

Antigamente os contos de fadas eram passados de geração em geração através dos contadores de histórias que reuniam pessoas a sua volta para ouvirem suas narrações. Hoje, com o advento da tecnologia e da vida moderna, a televisão e o cinema vieram ocupar o lugar dos contadores de antigamente e os contos são passados através de filmes e desenhos animados.

Os contos de fadas, os mitos e, atualmente, os filmes, de acordo com Jung, podem refletir, psicologicamente, as questões do ser, do existir humano em toda sua magnitude: a vida e a morte, o envelhecer, os medos, as conquistas, as derrotas e as vitórias oferecendo soluções e desfechos possíveis para esses assuntos vistos como simbólicos por trazerem um tema atemporal, arquetípico, configurado por uma roupagem da época em que se manifestam. Sempre de forma atemporal, podem se referir a qualquer lugar, época ou cultura. É como se eles falassem a cada um e, ao mesmo tempo a todo mundo, sem perder a capacidade de acolher a necessidade de cada pessoa e abarcando toda uma humanidade.

A intenção da pesquisa foi contribuir com um maior conhecimento do estudo simbólico dos contos, na atualidade expressos via cinematográfica, em sua relação com o feminino na atualidade, com base na teoria de Jung, já que o retorno do feminino à consciência coletiva é um tema tão relevante na nossa cultura, trazendo assim, não só enriquecimento científico, mas também útil a toda sociedade, em especial, às mulheres.

Para a realização dessa pesquisa foi utilizada a abordagem simbólica baseada na teoria junguiana. A leitura simbólica pode ser feita a partir de qualquer expressão artística como pinturas, filmes, contos de fadas que se utilizam das imagens do inconsciente coletivo e, por isso, nos falam de algo que é comum a todos e atemporal.

Foi escolhido para essa pesquisa o filme “Mulan” produzido pela Disney em 1998. A escolha se deu por ser um filme da época moderna, atual, que teve boa repercussão na mídia. Inicialmente soube-se que foi um filme visto por muitas pessoas até os dias de hoje, porém conforme foi sendo pesquisado sobre o filme, descobriu-se que é um filme que mobiliza, ainda hoje, muitas pessoas, ele possui blogs na internet, páginas dedicadas a ele e é considerado um clássico. Foi descoberto também, que esse filme foi embasado em um poema chinês muito antigo, datado do século V.

É um filme que relata a busca da mulher por um espaço na sociedade patriarcal, um filme embasado em um poema tão antigo, o que mostra o quanto este é um tema atual e, ao mesmo tempo, muito antigo. Além disso, é um filme baseado em um conto chinês, mas que reflete a realidade ocidental muito profundamente. Assim, podemos supor que tem como base um

correspondente arquetípico, ou seja, temas presentes na psique humana em qualquer época, cultura ou lugar.

Assim, pudemos perceber que independente da época, cultura ou lugar a questão do feminino e da mulher na sociedade se faz presente em todas as pessoas, a busca por um espaço do feminino na psique e da mulher na sociedade. O feminino que, desde o advento do patriarcado, foi relegado ao inconsciente de cada um e de toda a humanidade. Um potencial essencial a todos que se não é aceito atua e invade nossas vidas conscientes ameaçando nossa existência e que se for aceito pode trazer grande enriquecimento às nossas vidas por nos permitir uma ampliação da consciência abarcando uma parte de nossa personalidade antes inconsciente.

Assim, o reprimido, por ser necessário à totalidade da psique, sempre reaparece. Mulan retratou, em seu filme, essa ampliação da consciência cultural no sentido de reincorporar o feminino. Ela buscou conquistar seu lugar na sociedade como homem, já que as mulheres não tinham nenhum poder ou possibilidade de se firmar socialmente. Foi a uma tentativa de inserção, dentro do possível, no mundo patriarcal, e, também, uma identificação da mulher com os valores do masculino.

Pudemos, assim, associar esse processo retratado no filme com o movimento feminista, na década de 60, que foi muito importante para diversas conquistas da mulher, mas que ainda buscava seu espaço na sociedade através da igualdade, a partir da identificação com o masculino. Movimento, porém, muito importante, pois a partir de então, ocorreram movimentos na tentativa de realização de suas reais potencialidades e necessidades inaugurando algo que se assemelha a uma nova era. Há uma busca pelo autoconhecimento, reflexão, a busca por uma nova identidade que abarque seus potenciais, até então, adormecidos. A mulher passa a procurar sua “fala própria” para incorporar ao território essencialmente masculino, da razão e da linguagem, a emoção e o desejo.

Mulan retrata a necessidade de reincorporação do feminino não só pelas mulheres, mas por toda a sociedade. Como uma heroína ela foi um exemplo de ego para toda sua comunidade, homens e mulheres, que puderam se relacionar e respeitar uma mulher por sua real capacidade e sabedoria, como um aspecto da própria personalidade relacionado ao sentimento, a intuição, ao inconsciente que, a partir da relação estabelecida com a heroína, puderam ter uma melhor relação, com menos medo do desconhecido, tanto com a mulher concreta quanto com o aspecto feminino interno, sua alma.

Essas questões são todas abarcadas no conto de Mulan. Fica claro que a sociedade patriarcal não mais consegue dar conta das exigências da atualidade sem a incorporação de valores femininos. No filme alguns símbolos mostram essa questão: a fragilidade do pai que está ferido na perna e o fato dos soldados não conseguirem vencer a batalha sem o auxílio de Mulan e suas idéias simbolizam a necessidade de mudança no sentido de que a expressão do masculino

tradicional já não é mais suficiente. Há uma necessidade de mudança da dinâmica patriarcal para a dinâmica da alteridade onde o oposto deve ser integrado.

O filme retrata a busca da heroína em restituir um lugar para o feminino na sociedade patriarcal. O caminho da heroína, sua jornada, não é fácil, tem muitos obstáculos, mas é necessário a todas as pessoas que buscam maior integridade na sua personalidade, reincorporando aspectos do feminino nos homens e do masculino nas mulheres. Além disso, Mulan, como heroína, traz a toda a sua comunidade, essencialmente patriarcal, o aspecto feminino, tão relegado da consciência cultural, promovendo a ampliação da consciência coletiva.

Percebemos essa transição e reincorporação de aspectos opostos durante o filme. Por exemplo: no início do filme os soldados eram truculentos, agressivos e no decorrer do filme passaram a expressar sentimentos, tornando-se menos agressivos e mais íntegros, com uma persona mais flexível. Também a incorporação do feminino pôde ser vista em Shang que passa a acatar as decisões de Mulan e, no final do filme, divide a responsabilidade pela vitória com ela. No final do filme, toda a sociedade se curva diante de Mulan, que representa o feminino.

Essa é uma jornada que se refere a toda a sociedade essencialmente patriarcal e, portanto, que tem seus aspectos femininos relegados ao inconsciente. Uma jornada necessária a todos, homens e mulheres, em busca de uma personalidade mais íntegra, mais verdadeira com a integração de aspectos masculinos e femininos em todas as pessoas, proporcionando relações mais verdadeiras entre as pessoas.

Através da conquista da ampliação da consciência coletiva as relações se transformam, se tornam mais verdadeiras e completas entre homens e mulheres inteiros em todos os sentidos, com respeito e acalanto às diferenças, podendo estabelecer relações de alteridade entre elas.

Assim, podemos perceber que os contos trazem questões da atualidade e que cada vez mais se torna imperativo lidar com o feminino, com seus aspectos, ampliando a consciência coletiva.

BIBLIOGRAFIA

BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro*. 4ª. Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BONAVENTURE, Jette. *O que conta o conto?* São Paulo: Paulus, 1992.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 19ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

FAMÍLIA BRASILEIRA. *Revista da folha*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2007.

GALAN, Heloísa Dias da Silva. *Um estudo psicológico sobre o infarto do miocárdio em mulheres*. Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2002.

GRIMM, Irmãos. *Contos de fadas*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

JUNG, Carl Gustav. *Fundamentos da psicologia analítica*. 3ª. Ed. Petrópolis: Vozes, [1935] (1991).

_____. *Tipos psicológicos*. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, [1921] (1991).

_____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 5ª. Ed. Petrópolis: Vozes, [1933/1955] (2002).

_____. *O homem e seus símbolos*. 22ª. Impressão. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1992.

_____. *Memórias, sonhos e reflexões*. 24ª. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MACHADO, Uirá. *Entrevista com Camille Paglia*. Caderno Mundo folha A 26. São Paulo: Folha de São Paulo, 2007.

MELHORAMENTOS. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

NEUMANN, E. *O medo do feminino*. São Paulo: Paulus, 2000.

PEREIRA, Maria Ruth Gonçalves. *Apostila do curso de especialização na abordagem junguiana: leitura da realidade e metodologia de trabalho*. Módulo III. São Paulo: Cogea PUC-SP, 1999.

_____. Módulo I. São Paulo: Cogea PUC-SP, 1998.

PERERA, Sylvia Brinton. *Caminhos para a iniciação feminina*. 3ª. Edição. São Paulo: Paulus, 1998.

SEABRA, Zelita e MUSZKAT, Malvina. *Identidade feminina*. 3ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

STEIN, Murray. *Jung – O mapa da alma*. São Paulo: Cultrix, 2005.

VON FRANZ, Marie-Louise. *O feminino nos contos de fadas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

WHITMONT, Edward C. *Retorno da deusa*. São Paulo: Summus, 1991.

_____. *A busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SITE

www.wikipedia.org/wiki/mulan

www.wikipedia.org/wiki/Hunos

www.lendo.org/a-balada-de-mulan